

Stephanie Perkins

ANNA E O BEIJO FRANCÊS

Tradução
Filipa Aguiar

*Quinta Essência**

capítulo um

Eis tudo o que sei sobre a França: *Madeline*, *Amélie* e *Moulin Rouge*. A Torre Eiffel e o Arco do Triunfo também, embora não saiba qual a verdadeira função de nenhum dos dois. Napoleão, Maria Antonieta e vários reis chamados Luís. Também não sei o que fizeram, mas acho que têm alguma coisa a ver com a Revolução Francesa, que tem algo a ver com o Dia da Bastilha. O museu de arte chama-se Louvre, tem o formato de uma pirâmide, e a Mona Lisa vive lá juntamente com a estátua da mulher sem braços. E tem cafés e bistrôs – ou lá como se chamam – a cada esquina. E mímicos. A comida é alegadamente boa, as pessoas bebem muito vinho e fumam muitos cigarros.

Ouvi dizer que não gostam de americanos nem de ténis brancos.

Há alguns meses, o meu pai matriculou-me num colégio interno. As palavras enfatizadas nas suas frases praticamente crepitaram pelo telefone quando declarou que viver noutra país era uma «boa experiência de aprendizagem» e uma «lembrança que eu guardaria para sempre». Claro. Lembrança. E eu teria apontado o uso indevido de tal palavra se não estivesse já a passar-me.

Desde esse anúncio, tenho gritado, implorado, suplicado e chorado, mas nada parece convencê-lo do contrário. E agora tenho um novo visto de estudante e um passaporte, cada um a declarar-me: Anna Oliphant, cidadã dos Estados Unidos da América. E estou aqui, com os meus pais, a desfazer a mala num quarto mais pequeno que a minha mala, a mais recente aluna do último ano na School of America, em Paris.

Não é que seja ingrata. Quero dizer, é *Paris*. A Cidade Luz! A cidade mais romântica do mundo! Não sou imune a isso. Só que esta coisa de colégio interno internacional tem mais a ver com o meu pai que comigo. Desde que vendeu tudo e começou a escrever livros lamechas – que foram transformados em filmes mais lamechas ainda –, ele tem tentado impressionar os seus amigos figurões de Nova Iorque, vangloriando-se de como é culto e rico.

O meu pai não é culto. Mas é rico.

Nem sempre foi assim. Quando os meus pais ainda eram casados, éramos estritamente classe média baixa. Foi por altura do divórcio que todos os vestígios de decência desapareceram e o seu sonho de ser o próximo grande escritor do Sul foi trocado pelo de ser o próximo escritor *publicado*. Então começou a escrever aqueles romances passados em pequenas povoações da Georgia sobre pessoas com Bons Valores Americanos que se Apaixonam e a seguir Contraem Doenças Fatais e Morrem.

Falo a sério.

E isso deprime-me muito, mas as mulheres engolem aquelas histórias. Adoram os livros do meu pai, adoram as suas camisolas de malha e adoram o seu sorriso alvo e o seu bronzado alaranjado. E transformaram-no num *bestseller* e num completo idiota.

Dois dos seus livros deram filmes e três outros estão a ser produzidos. É daí que vem o verdadeiro dinheiro: de Hollywood. E, de alguma forma, esse dinheiro extra e pseudoprestígio afetaram o seu cérebro, levando-o a acreditar que eu devia viver em França. Durante um ano. Sozinha. Não percebo porque não pôde mandar-me para a Austrália ou para a Irlanda, ou para qualquer outro lado em que a língua oficial fosse o inglês. A única palavra francesa que sei é *oui*, que quer dizer «sim», e só há pouco descobri que se escreve o-u-i e não w-e-e.

Pelo menos, as pessoas na minha nova escola falam inglês. Foi fundada por americanos pretensiosos, que não gostam da companhia dos próprios filhos. Francamente. Quem manda os filhos para um colégio interno? É tão Hogwarts. Só que o meu não tem feiticeiros giros, doces mágicos ou aulas de voo.

Pelo contrário, estou presa com outros noventa e nove alunos. Há vinte e cinco pessoas *ao todo* no meu ano, por oposição às seiscentas que havia em Atlanta. E estou a estudar as mesmas coisas que estudava em Clairemont High, além de estar matriculada na Iniciação ao Francês.

Ah, sim, Iniciação ao Francês. Sem dúvida com os caloiros. Sou a maior.

A minha mãe diz que preciso deixar de lado a amargura, imediatamente, mas não é ela quem está a deixar para trás a sua bestial melhor amiga, Bridgette, ou o seu bestial emprego no multiplex Royal Midtown 14, ou Toph, o rapaz bestial do multiplex Royal Midtown 14.

E ainda não consigo acreditar que ela está a separar-me do meu irmão, Sean, que só tem sete anos e é muito novo para ficar sozinho em casa depois das aulas. Sem mim, ele provavelmente será raptado por aquele tipo assustador do fim da rua, que tem toalhas imundas da *Coca-Cola* penduradas nas janelas. Ou o Seany comerá acidentalmente alguma coisa contendo o corante *Vermelho 40* e a sua garganta inchará e ninguém estará lá para o levar ao hospital. Ele pode até morrer. E aposto que não me deixariam voltar de avião para casa para o funeral, e teria de visitar o cemitério sozinha no próximo ano, e o meu pai teria escolhido um querubim de granito de mau gosto para ficar sobre o seu túmulo.

E espero que o meu pai não queira que me candidate a universidades na Rússia ou na Roménia agora. O meu sonho é estudar teoria do cinema na Califórnia. Quero ser a maior crítica de cinema do sexo feminino. Um dia serei convidada para todos os festivais, terei uma importante coluna num jornal, um programa de televisão fixe e uma página na internet extremamente popular. Até agora tenho apenas a página na internet, e não é lá muito popular. Ainda.

Só preciso de mais algum tempo para trabalhar nisso.

– Anna, está na hora.

– O quê? – Olho para as minhas camisas perfeitamente dobradas em quadrados.

A minha mãe olha para mim e brinca com o pingente de tartaruga do colar. O meu pai, com um polo cor de pêssego e sapatos de vela brancos, olha fixamente através da janela do meu quarto. É tarde, mas, do outro lado da rua, uma mulher canta algo semelhante a ópera.

Os meus pais precisam de voltar para os seus quartos. Os voos deles partem cedo na manhã do dia seguinte.

– Oh! – Aperto mais a camisa que tenho nas mãos.

O meu pai afasta-se da janela e fico admirada ao ver que os seus olhos estão húmidos. A ideia de ver o meu pai – mesmo que seja o *meu pai* – à beira das lágrimas provoca-me um nó na garganta.

– Bem, miúda. Acho que já estás crescadinha.

O meu corpo fica imóvel. Ele puxa-me para si e dá-me um abraço enorme. O seu aperto é assustador.

– Fica bem. Estuda muito e faz alguns amigos. E tem cuidado com os carteiristas – acrescenta. – Às vezes, trabalham aos pares.

Aceno com a cabeça junto ao ombro dele e ele solta-me. E depois vai-se embora.

A minha mãe fica mais um pouco.

– Vais ter um ano maravilhoso aqui – diz ela. – Pressinto-o.

Mordo o lábio para evitar que ele comece a tremer e ela puxa-me para os seus braços. Tento respirar. Inspiro. Conto até três. Expiro. A pele dela cheira a loção de toranja.

– Ligo-te assim que chegar a casa – diz ela.

Casa. Atlanta já não é a minha casa.

– Amo-te, Anna.

Estou a chorar.

– Também te amo. Toma conta do Seany por mim.

– Claro.

– E do *Capitão Jack* – acrescento. – Certifica-te de que o Sean o alimenta, muda a sua cama e lhe enche a garrafa de água. E de que não lhe dá muitas guloseimas, porque elas o fazem engordar e depois não consegue sair do iglu. Mas que lhe dá, pelo menos, algumas todos os dias porque ele ainda precisa da vitamina C e não bebe a água quando coloco as gotas de vitaminas...

Ela afasta-se e prende-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Amo-te – diz novamente.

E, então, a minha mãe faz uma coisa que, apesar de toda a papelada, bilhetes de avião e apresentações, eu não esperava. Uma coisa que teria acontecido de qualquer forma daqui a um ano, assim que fosse para a universidade, mas, apesar dos muitos dias ou meses ou anos, que ansiei por isso, ainda não estou preparada quando verdadeiramente acontece.

A minha mãe vai-se embora. Eu estou sozinha.

capítulo dois

Sinto-o chegar, mas não consigo evitar.

Pânico.

Eles deixaram-me. Os meus pais deixaram-me mesmo! Em França!

Enquanto isso, Paris está estranhamente silenciosa. Até a cantora de ópera já se foi embora. *Não* posso ir-me abaixo. As paredes aqui são mais finas que pensos rápidos, portanto, se chorar, os meus vizinhos, os meus novos colegas de turma, ouvirão tudo. Estou enjoada. Vou vomitar aquela estranha *tapenade* de beringela que jantei, e todos vão ouvir e ninguém me convidará para ver os mímicos fugirem das suas caixas invisíveis ou para o que quer que as pessoas façam aqui no seu tempo livre.

Corro até ao lavatório para molhar um pouco o rosto, mas a água sai com tanta força que me molha antes a camisa. E agora estou a chorar porque ainda não tirei as toalhas da mala, e roupa molhada lembra-me aqueles estúpidos escorregas aquáticos para os quais a Bridgette e o Matt me costumavam arrastar em Six Flags, onde a água tem a cor errada, cheira a tinta e tem biliões de triliões de micróbios bacterianos. Oh, meu Deus. E se houver micróbios bacterianos na água? A água em França é sequer potável?

Patética. Sou patética.

Quantas raparigas de dezassete anos desejariam sair de casa? Os meus vizinhos não estão a ter nenhum colapso. Nenhum choro vem das paredes dos *seus* quartos. Pego numa camisa da cama para me limpar quando me ocorre uma solução. *A minha almofada*. Caio de cara na barreira de som e choro, choro e choro.

Alguém bate à porta.

Não. Com certeza não é a minha porta.

Batem de novo!

– Olá! – saúda uma rapariga no corredor. – Olá. Estás bem?

Não, não estou bem. VAI-TE EMBORA. Mas ela chama-me novamente e sou obrigada a arrastar-me da cama e abrir a porta. Uma loira com caracóis compridos aguarda do outro lado. É alta e grande, mas não com peso a mais. Deve jogar vólei. Um pírcingue de diamante brilha no seu nariz sob a luz do corredor.

– Estás bem? – A sua voz é meiga. – Sou a Meredith; moro aqui ao lado. Foram os teus pais que acabaram de sair?

Os meus olhos inchados confirmam.

– Eu também chorei na primeira noite. – Inclina a cabeça, pensa por um momento e depois acena com ela. – Anda daí. *Chocolat chaud*.

– Um *show* de chocolate? – Porque haveria eu de querer assistir a um *show* de chocolate? A minha mãe abandonou-me e estou com medo de deixar o meu quarto e...

– Não. – Ela sorri. – *Chaud*. Quente. Chocolate quente, posso fazer um para nós no meu quarto.

Oh!

Apesar do meu estado, sigo-a. Meredith detém-me com a mão como um polícia sinaleiro. Usa anéis nos cinco dedos.

– Não te esqueças da chave. As portas fecham-se automaticamente.

– Eu sei. – E então tiro o meu fio de dentro da camisa para o provar. Prendi ali a chave durante o seminário daquele fim de semana sobre Competências Básicas dado aos novos alunos, quando nos disseram como é fácil ficarmos trancados do lado de fora.

Entramos no quarto dela. Fico boquiaberta. É do mesmo tamanho que o meu, dois por três metros, com a mesma miniescrivaninha, minicómoda, minicama, minifrigorífico, minilavatório e minichuveiro. (Não tem minissanita, essas são partilhadas ao fundo do corredor.) Mas... em vez da minha gaiola estéril, cada pedaço da parede e do teto está coberto de pósteres, fotos, papel de embrulho brilhante e brochuras coloridas escritas em francês.

– Há quanto tempo cá *estás*? – pergunto.

Meredith dá-me um lenço e assoo-me, emitindo um grasnar terrível como o de um ganso irritado, mas ela não se mexe ou muda de expressão.

– Cheguei ontem. Este é o meu quarto ano aqui, por isso não tive de ir aos seminários. Viajei sozinha para cá, e tenho estado por aqui, à espera que os meus amigos apareçam. – Olha em volta com as mãos nas ancas, admirando o seu trabalho manual. Vejo uma pilha de revistas, tesoura e fita no chão e então percebo que é um trabalho em andamento. – Nada mau, hein? Não gosto de paredes vazias.

Caminho ao redor do quarto, examinando tudo. Rapidamente descobro que os rostos nas paredes são das mesmas cinco pessoas: John, Paul, George, Ringo e de um jogador de futebol que não reconheço.

– Os Beatles são tudo o que ouço. Os meus amigos gozam comigo, mas...

– Quem é este? – Aponto para o jogador de futebol. Veste de vermelho e branco, tem as sobranceiras e os cabelos escuros. É bem giro, para dizer a verdade.

– Cesc Fàbregas. Meu Deus, é um médio incrível. Joga no Arsenal. O clube inglês? Não?

Abano a cabeça. Não percebo nada de desporto, mas talvez devesse.

– Belas pernas.

– E eu não sei? Podias pregar pregos com aquelas coxas.

Enquanto Meredith faz o *chocolat chaud* no fogãozinho elétrico, fico a saber que também está no último ano e que só joga futebol no verão, porque a nossa escola não tem um programa, mas que costumava fazer parte da equipa estadual do Massachussetts. É de lá, de Boston.

O quarto dela é incrível. Além do monte de coisas na parede, tem uma dúzia de chávenas de louça cheias com anéis de plástico brilhantes, prateados com pedras de âmbar e de vidro com flores. Parece que mora aqui há anos.

Experimento um deles com um dinossauro de borracha. O *T-rex* acende luzes vermelhas, amarelas e azuis quando o aperto.

– Gostava de ter um quarto assim. Adoro-o, mas sou demasiado organizada para viver em algo do género. Preciso de paredes limpas, de uma secretária limpa e de tudo arrumado.

Meredith parece feliz com o elogio.

– Estes são os teus amigos? – Devolvo o dinossauro à chávena de chá e aponto para uma foto presa ao espelho. É cinzenta, com sombras, e está impressa num papel grosso brilhante. Com certeza resultado de uma aula de fotografia. Quatro pessoas estão em pé diante de um cubo vazio gigante. A abundância de roupas pretas elegantes e cabelo cheio

de espuma revela que Meredith pertence à fação artística. Não sei porquê, fico surpreendida. Sei que o quarto dela é artístico e tem todos aqueles anéis nos dedos e o pírcingue no nariz, mas o resto é completamente discreto – camisola lilás, calças de ganga, voz suave. Joga à bola, está bem, mas não é uma maria-rapaz.

Ela esboça um largo sorriso e o seu pírcingue brilha.

– Sim. A Ellie tirou esta fotografia em La Défense. Estes são o Josh, o St. Clair, eu e a Rashmi. Vais conhecê-los amanhã, ao pequeno-almoço. Bem, todos, menos a Ellie. Ela concluiu o secundário o ano passado.

O nó no meu estômago começa a desfazer-se. Aquilo fora um convite para me sentar com ela?

– Mas acho que a conhecerás em breve porque ela namora o St. Clair. Está na Parsons Paris a tirar Fotografia.

Nunca ouvi falar da Parsons Paris, mas assinto com a cabeça como se um dia eu própria fosse para lá.

– Ela é *bastante* talentosa. – O tom da sua voz sugere o contrário, mas não insisto no assunto. – O Josh e a Rashmi também namoram – acrescenta.

Ah! A Meredith deve estar sozinha.

Infelizmente, entendo-a. Eu namorara o meu amigo Matt durante cinco meses. Ele era para o alto e engraçado e tinha um cabelo decente. Era aquela situação do tipo «já que não há mais ninguém, queres curtir?». Não passámos dos beijos, que nem sequer eram grande coisa. Demasiada saliva. Tinha sempre de limpar o queixo.

Acabámos quando soube que vinha para França, mas não fiquei muito triste. Não chorei nem enviei *e-mails* melodramáticos, nem risquei com uma chave o carro da mãe dele. Agora ele anda com a Cherrie Milliken, que está no grupo coral e tem cabelo brilhante como os de um anúncio de champô. Nem isso me incomoda.

Não mesmo.

Além do mais, o fim da relação deixou-me livre para me atirar a Toph, o meu giríssimo colega de trabalho do multiplex. Não que não lhe achasse já piada quando estava com Matt, mas facilitou. Isso não me fez sentir culpada e as coisas estavam a começar a acontecer com o Toph – estavam mesmo – quando o verão acabou. Mas o Matt é o único rapaz com quem namorei e ele mal conta. Uma vez disse-lhe que tinha namorado um rapaz chamado Stuart Thistleback num acampamento de verão. Stuart

Thistleback tinha cabelo castanho-avermelhado e tocava violoncelo, e estávamos mesmo apaixonados, mas ele morava em Chattanooga e ainda não tínhamos carta de condução.

Matt sabia que eu tinha inventado tudo aquilo, mas era demasiado simpático para dizer qualquer coisa.

Estou quase a perguntar a Meredith que aulas vai ela frequentar quando o telemóvel dela toca as primeiras notas de «Strawberry Fields Forever». Ela rola os olhos e atende.

– Mãe, é meia-noite aqui. Seis horas de diferença, lembras-te?

Olho para o despertador dela em formato de submarino amarelo e surpreendo-me ao perceber que ela está certa. Pouso a minha caneca de *chocolat chaud*, há muito tempo vazia, sobre a cómoda.

– É melhor ir andando – sussurro. – Desculpa ter ficado tanto tempo.

– Espera um pouco. – Meredith tapa o bucal. – Foi um prazer conhecer-te. Vejo-te ao pequeno-almoço?

– Claro. Até amanhã. – Tento falar num tom casual, mas estou tão entusiasmada que assim que saio do quarto dela choco com uma parede.

Ups. Não é uma parede. É um rapaz.

– Ahhh! – Ele cambaleia para trás.

– Desculpa! Lamento imenso, não te vi.

Ele abana a cabeça, um pouco tonto. A primeira coisa em que reparo é no seu cabelo. É castanho-escuro, despenteado e simultaneamente comprido e curto. Penso nos Beatles, uma vez que acabei de os ver no quarto da Meredith. É um cabelo artístico. Cabelo de músico. Um cabelo do tipo eu-finjo-que-não-me-importo-mas-importo.

Um cabelo lindo.

– Não faz mal, também não te vi. Estás bem?

Uau! Ele é inglês.

– Hum. A Mer mora aqui?

Sinceramente, não conheço nenhuma miúda americana que resista ao sotaque inglês.

O rapaz pigarreia.

– A Meredith Chevalier? Miúda alta? Cabelo comprido encaracolado?

– Então, olha para mim como se eu fosse louca ou parcialmente surda, como a minha avó Oliphant. A minha avó limita-se a sorrir e a abanar a cabeça sempre que lhe pergunto: «Que tipo de molho quer na salada?» ou «Onde guardou a dentadura do avô?»

– Desculpa. – Ele afasta-se um pouco de mim. – Ias deitar-te.

– Sim! A Meredith mora aqui. Acabei de passar duas horas com ela. – Anuncio isto com muito orgulho, como o meu irmão Seany, sempre que encontra algo nojento no quintal. – Chamo-me Anna e sou nova aqui. – *Oh, meu Deus. Para... quê... este entusiasmo assustador?* Sinto que estou a corar e isso é muito humilhante.

O rapaz lindo sorri. Tens uns dentes bonitos – direitos em cima e curvos na base, com um leve toque de bruxismo. Adoro sorrisos assim devido a não ter usado aparelho. Tenho um espaço entre os meus dentes da frente do tamanho de uma passa.

– Étienne – diz ele. – Moro no andar de cima.

– Eu moro aqui. – Aponto atordoada para o meu quarto, enquanto a minha mente gira: nome francês, sotaque inglês, escola americana. Anna confusa.

Ele bate duas vezes à porta de Meredith.

– Bem, vejo-te então por aí, Anna.

Eh-t-yen pronuncia o meu nome assim: *Ab-na*.

O meu coração galopa, galopa, galopa no peito.

Meredith abre a porta.

– St. Clair! – grita. Ainda está ao telefone. Abraçam-se, riem e conversam. – Entra! Como foi o teu voo? Quando chegaste? Já viste o Josh? Mãe, tenho de desligar.

O telefone e a porta de Meredith fecham-se simultaneamente.

Atrapalho-me com a chave no fio ao pescoço. Duas raparigas em roupões rosa iguais passam atrás de mim, rindo e cochichando. Vários rapazes no corredor riem-se e assobiam. Meredith e o amigo riem através das paredes finas. Sinto um aperto no coração e de novo um nó no estômago.

Ainda sou a miúda nova. Ainda estou sozinha.

capítulo três

Na manhã seguinte, penso passar pelo quarto de Meredith, mas perco a coragem e vou sozinha para o pequeno-almoço. Pelo menos, sei onde fica a cafetaria (Segundo Dia: Seminário de Competências Básicas). Verifico se tenho o cartão da cafetaria e abro o chapéu-de-chuva *Hello Kitty*. Cai uma chuva miudinha. O tempo está-se nas tintas que hoje seja o meu primeiro dia de aulas.

Atravesso a rua com um grupo de alunos conversadores. Eles não dão por mim, mas, juntos, esquivamo-nos das poças. Um carro, suficientemente pequeno para ser um dos brinquedos do meu irmão, passa muito depressa e lança água para cima de uma rapariga de óculos. Ela pragueja e os amigos provocam-na. Fico para trás.

A cidade está cinzenta como uma pérola. O céu nublado e os edifícios de pedra emitem a mesma elegância fria, mas, logo à minha frente, o Panteão brilha. A sua cúpula enorme e impressionantes colunas elevam-se para coroar o cimo do bairro. Sempre que o vejo tenho dificuldade em desviar o olhar. É como se tivesse sido roubado de Roma antiga ou, no mínimo, da colina do Capitólio. Nada que devesse conseguir ver da janela de uma sala de aulas.

Não sei para que serve, mas acredito que alguém me dirá em breve.

O meu novo bairro é o Quartier Latin ou o Quinto Arrondissement. Segundo o meu dicionário de bolso, isso significa distrito, e os edifícios no meu *arrondissement* fundem-se uns nos outros, curvando-se nas esquinas com a sumptuosidade dos bolos de noiva. Os passeios estão cheios de estudantes e turistas e têm postes ornamentados e bancos idênticos,